

Ulysses comemora e pensa na Presidência da República

Brasília — Orlando Brito

Dodora Guedes

BRASÍLIA — "Presidência da República? É, não há dúvidas, pode ser o caminho. Mas os acontecimentos é que vão dizer se isso é possível. Isso não é uma coisa que dependa de um projeto pessoal. É preciso ter forças". A cuidadosa observação foi feita pelo presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, ontem de manhã, no Galaxie preto que o levava para comandar a última sessão de votações.

No rosto, um sorriso largo e nenhum sinal de cansaço. Ulysses, 71 anos, atingiu em 18 meses a marca de 1 500 horas à frente do plenário. Em uma das sessões, chegou a ficar dez horas ininterruptas na cadeira de onde comandava as votações, sem se levantar nem mesmo para ir ao banheiro. "As vezes, fico com medo de passar a história como o presidente que não faxia xixi", brincou recentemente, quando lhe perguntaram o segredo de tanta resistência. "Não levanto porque não preciso. Concentro toda a minha energia no trabalho", explicou ontem.

História — "Último estadista da burguesia nacional", segundo o deputado José Genoíno (PT-SP), ou "centralizador e autoritário", na opinião do deputado Hélio Duque (PMDB-PR), Ulysses conduziu os trabalhos finais da Constituinte com uma certeza: seu nome é parte da história desta Constituinte que vive seus momentos finais.

"Eu me sinto como o pai de uma criança que foi concebida com muito amor", definiu, para explicar, em seguida, o que significou para ele presidir a Constituinte: "Esta é uma daquelas obras que ficam, que tornam o trabalho político mais importante. É o ápice da minha vida política".

O senador Mário Covas (PSDB-SP) disse que sem Ulysses "não seria possível nem abrir as sessões". De fato, a Constituinte nada votou sem a sua presença. Uma vez, ao tentar verificar o quórum, o vice-presidente, senador Mauro Benevides (PMDB-CE), constatou que o sistema eletrônico de votação não funcionava. "Sem Ulysses, até o painel dá pane", brincou na ocasião Genoíno.

Ulysses "toma política no café, almoça política, janta política e sonha política", segundo um dos seus melhores amigos, o deputado Heráclito Fortes (PMDB-PI). No restrito círculo de amigos, que ficou conhecido como *turno do poire*, não há quem tenha escapado de ser acordado às 5h30 para conversar política no telefone.

Rotina — Durante os 18 meses de Constituinte, Ulysses manteve uma rotina que começava por volta de 8h, com o *cooper* na ciclovia da Península dos Ministros, sob a vigilância de segurança da Câmara. Depois, um copo de vitamina e novos telefonemas a assessores e políticos. Era o preparativo para a aparição no plenário, depois de rápida passagem pelo gabinete da presidência da Câmara dos Deputados. "Vamos votar. Sentem, meus amigos. Vamos votar. Códigos, meus amigos, códigos", dizia, já conduzindo o processo de votação.

"O país estava descrente, cético. Agora, há um rai de esperança na escuridão", disse Ulysses ontem. Ele considera como um dos seus mais importantes e difíceis momentos vividos nos últimos tempos o dia em que teve que ir à televisão fazer o pronunciamento em defesa da Constituinte, rebatendo os ataques feitos, na véspera, pelo presidente José Sarney. "Vi que era necessário defender a Constituinte perante a nação".

Foi um discurso emocionado, que acabou por reverter o clima de críticas que cercava os trabalhos da Constituinte e que, na opinião de políticos do PMDB e até de outros partidos, acabou por deixar Ulysses ainda mais perto de um velho sonho: disputar a Presidência da República como candidato do PMDB. "A partir daquele discurso, Ulysses ficou mais perto da chance de candidatar-se à Presidência", reconhece outro presidencialista, o senador Mário Covas.

Candidato — Ulysses, que costuma lembrar que uma vez, na sucessão do ex-presidente João Figueiredo, foi candidato "natural" ao Palácio do Planalto e acabou cedendo a vez a Tancredino Neves, é ainda reservado ao falar neste assunto. Admite, porém, que depois de ter dirigido a Constituinte, só pode sonhar com a Presidência. "Mas isso não é um projeto escoteiro. Não se é presidente da República porque a mulher quer, porque se tem um projeto pessoal", ressalva.

Ele considera que o resultado das eleições municipais deste ano serão importantes na formação da correlação de forças para quem aspira chegar ao Planalto. "Tem as eleições agora, e lá para março e abril tem a convenção do partido, que escolherá o candidato. Essas serão as preliminares. Até lá, os acontecimentos é que vão dizer quem é o melhor candidato".

Academia — Enquanto não chega a hora, ele prepara-se para, promulgada a nova Constituição, iniciar uma peregrinação por todo o país, pedindo votos para os candidatos do PMDB a prefeito e vereador. Tem outros planos: viajar à Europa e, se tiver alguma chance, disputar a cadeira do poeta Menotti del Picchia na Academia Brasileira de Letras. "É um velho sonho", conta, indiferente às notícias que dão conta da reação de vários imortais a sua pretensão.

Disposição para enfrentar novas e cansativas tarefas é o que não lhe falta. "Cansaço é uma palavra que não existe no meu dicionário", repete sempre, do alto dos seus 71 anos de idade e de um vigor físico que intriga os companheiros de parlamento, confiadamente extenuados neste final dos trabalhos constitucionais.

Ulysses garante que está recuperado da depressão que o afastou da política por quase dois meses em 1986. Hoje, o único remédio que toma são alguns complexos vitamínicos. Nos últimos tempos, não tem procurado um médico nem mesmo para verificar a pressão.

"Meu tônico tem sido a Constituinte. Quando se faz o trabalho com prazer, se rejuvenesce. Quando eu vou para o Congresso, eu vou alegre", explicou ontem demanhã, quase à porta do Congresso. Minutos depois, ao sair do elevador privativo e deparar com um batalhão de jornalistas, políticos e curiosos, mostrou todo seu contentamento com o fim da Constituinte. "Fui avisado de que, em algumas cidades, os sinos das igrejas vão tocar, saudando a nova Constituição", contou satisfeito, enquanto os seguranças não conseguiam impedir que populares conseguissem lhe arrancar autógrafos ou simplesmente o tocassem, em meio a muitos aplausos.



Ulysses e Bernardo Cabral: a resistência a longas batalhas no plenário e os planos para o futuro

As frases que marcam a transição.

"O progresso dos bancos não pode representar a morte dos índios." (Ailton Krenak, coordenador da União das Nações Indígenas, defendendo a demarcação de terras indígenas, em 15/5/87)

"O presidente Sarney não tem culpa de fazer uma má administração. Tudo que vem acontecendo está na Bíblia e daqui para frente vai ficar pior." (Deputado Matheus Lensen, PMDB-PR, evangélico, autor da emenda que deu cinco anos de mandato a Sarney, em 7/1/88)

"Basta que adapte seu governo à nova base parlamentar para que façamos a votação." (Deputado José Lourenço, PFL-BA, endossando a cobrança de cargos no governo em troca do apoio ao mandato de cinco anos para Sarney, em 25/1/88)

"É dando que se recebe." (Deputado Roberto Cardoso Alves, PMDB-SP, ao explicar que o grupo disposto a votar em cinco anos de mandato para o presidente Sarney queria, em troca, cargos no governo, em 26/1/88)

"É preciso que seja descoberta a verdade, para que seja dada uma satisfação à sociedade, não a mim." (Deputado Sarney Filho, PFL-MA, sobre o episódio em que outro constituinte votou em seu lugar, fraudando a votação, em 10/2/88)

"Não, eu não me lembro. Aliás, raramente eu me sento ao lado de Teixeira; para falar a verdade, eu nunca me sento ao lado de Teixeira; francamente, eu jamais me sentei ao lado de Zé Teixeira." (Senador Edson Lobão (PFL-MA), ao inocentar-se da suspeita de que teria sido o autor do voto dado em nome de Sarney Filho, em 1/3/88)

"Nós sempre sentamos juntos no plenário, temos afinidades ideológicas. Já sentamos juntos várias vezes, mas não nesse dia." (Deputado José Teixeira (PFL-MA), sem saber da declaração

de Lobão e também procurando inocentá-lo)

"Está dentro do Congresso Nacional um pequeno grupo de radicais oportunistas, com o objetivo de solapar a ordem... Para criar o caos, julgam tomar o poder pela força com o enfraquecimento das instituições." (presidente José Sarney, no programa *Conversa ao pé do rádio*, em 26/2/88)

"Vou passar pelo poder sem saber o que é o poder." (presidente José Sarney, no programa *Conversa ao pé do rádio*, referindo-se à polêmica sobre a duração de seu mandato, em 19/2/88)

"Se vocês estão achando que vão me derrubar (...) podem tirar o cavaleiro da chuva. (...) Se tiver que ter derramamento de sangue, vai ter." (presidente José Sarney, em 2/3/88)

"Preto consolidar uma maioria parlamentar para apoiar a conclusão do processo de abertura democrática." (presidente José Sarney, no programa *Conversa ao pé do rádio*, depois da aprovação em primeiro turno pela Constituinte do presidencialismo com cinco anos de mandato, em 25/3/88)

"Não preciso desse dinheiro." (deputado Felipe Cheide, PMDB-SP, um dos campeões de ausência da Constituinte, ao ter seu jeton cortado, em 27/4/88)

"Não podemos proteger vadios, não vamos proteger quem falta." (senador Mário Covas, PSDB-SP, protestando contra a ausência dos constituintes nas votações, em 10/6/88)

"Apenas cumpri meu dever de democrata e comunista ao impedir uma trambicagem geral que haviam armado como se beneficiasse microempresários, mas na verdade se destinava aos fazendeiros da UDR." (deputado Roberto Freire, PCB-PE, ao explicar por que comandou um acordo na Constituinte que salvou os banqueiros de um grande prejuízo se fosse aprovada a

Cabral acha que ficou mais velho

Um ano e sete meses depois do início dos trabalhos da Assembléia Constituinte, o relator Bernardo Cabral (PMDB-AM) se sente dez anos mais velho, mas aliviado por ter sobrevivido às ameaças de morte por telefone e por correspondência. E anuncia seu próprio passo: a conquista da presidência da Câmara dos Deputados. "Depois da experiência que vivi, me sinto habilitado a ocupar qualquer cargo".

Bernardo Cabral calcula que trabalhou uma média de 20 horas diárias, em pelo menos oito, dos 19 meses de Constituinte. "Em outubro, quando encerrávamos a Comissão de Sistematização, fiquei 48 horas sem dormir". Tanta ocupação acabou por acarretar muitos problemas ao relator: "Não visitei minha bases políticas no Amazonas uma vez sequer, mal pude dar assistência e meu filho único — Júlio Bernardo Cabral, advogado e chefe de gabinete do relator — quando ele teve paralisia parcial, no final do ano passado, e não consegui visitar minha neta de um mês na UTI do hospital, no final do mês de agosto".

"O relator tem vários méritos. Mas o maior deles é o de sempre ter sido aberto, ter dialogado com todas as correntes, sem nunca querer se transformar num ser plenipotenciário", diz o deputado Nelton Friedrich (PSDB-PR). "Ele tem muita habilidade política. Conseguiu conciliar as conversas correntes. Acho que dificilmente outra pessoa teria tido atuação tão positiva quando a dele", afirma o deputado Francisco Dornelles (PFL-RJ).

O presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, diz que se sente amarrado em Cabral. Em programa da TV Manchete que vai ao ar no domingo, Ulysses afirma, após questionado em que Arnaldo Niskier chama o presidente da Constituinte e o relator de "irmãos siameses": "Sem o Bernardo, seria difícil chegarmos onde estamos. Todas as dúvidas que tenho recorro a ele, que mexe em alguns papéis e logo me dá a resposta exata".

Cabral, que hoje goza de uma posição privilegiada, diz que foi difícil chegar onde está: "Quando recebi o projeto que veio das Comissões — projeto que ficou conhecido como *Frankstein*, devido à sua abrangência e desconexão — tive que reduzir mais de 500 artigos para 250. Isto me custou aborrecimentos, inimizades, incompreensões. Fui atacado, injuriado, caluniado. Sem falar no cansaço físico, que estourou no começo de agosto e fui parar no Incor (Instituto do Coração), em São Paulo. Mas, graças a Deus, não tinha nada e tudo já passou".

Em seu trabalho de relator, Bernardo Cabral examinou até agora cinco anteprojetos de Constituição e escreveu mais de 5 mil páginas de texto constitucional. Por ter assumido em seus relatórios posição claramente contrária à pena capital e favorável à reforma agrária em terras produtivas, foi ameaçado de morte; por ter se recusado a incluir no texto a reintegração dos militares punidos por atos de exceção, foi pressionado e encostado na parede; e por ter defendido o sistema parlamentarista de governo, perdeu a amizade do presidente José Sarney.

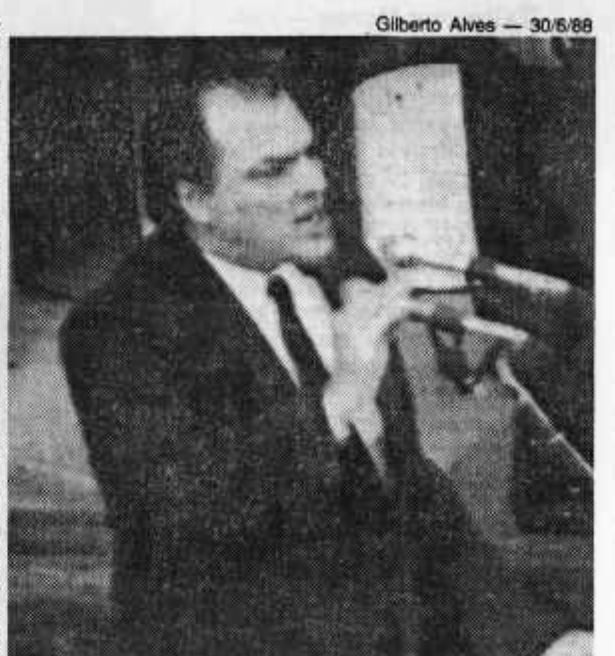
"Depois de todo esse tempo, toda essa experiência e todo esse desgaste, aprendi muitas coisas: a ter tolerância no julgar, a compreender no decidir, a ser paciente no executar e a ter sabedoria sem humilhar", diz o relator. Dois pontos importantes do texto constitucional o deixaram decepcionado: "a reforma agrária aquém do Estatuto da Terra do governo militar e a rejeição ao parlamentarismo". O maior ganho da sociedade na Constituição, segundo Cabral, foi o mandato de injunção. Com ele, o cidadão pode requerer na Justiça o direito que lhe é negado ou por particular ou por autoridade.

O julgamento dos companheiros de Constituinte, apesar de tudo nem sempre lhe é favorável. O deputado Paes Landim (PFL-PI) diz que Cabral foi muito mais político que técnico. "Deveria ocorrer o contrário. Suas argumentações teriam que se dar em cima de fatos e não de teses políticas". O deputado José Genoíno (PT-SP) pensa o contrário: "É um jurista muito competente, mas politicamente fica em cima do muro". O líder do PCB, Roberto Freire (PE), diz que teve bons momentos, apesar de vacilar muitas vezes. Acha que Cabral foi muito sensível a pressões de grupos lobistas.

Bernardo Cabral contesta. Afirma que nunca foi procurado nem por representantes do Palácio do Planalto nem pelos militares para que incluísse alguma coisa ou retirasse outra. As pressões de outros setores, segundo ele, não fizeram efeito. Argumenta ainda que como parlamentar cassado — perdeu o mandato e os direitos políticos em 1969, ao lado dos senadores Mário Covas (PSDB-SP) e Wilson Martins (PMDB-MS) e dos deputados Cid Carvalho (PMDB-MA) e Paulo Macarini (PMDB-SC) — recusou todas as emendas que procuravam conceder algum benefício aos deputados punidos. "Procurer dar o exemplo a quem me procurava. Acho que entenderam".



Governo só comemorou na Constituinte os 5 anos para Sarney



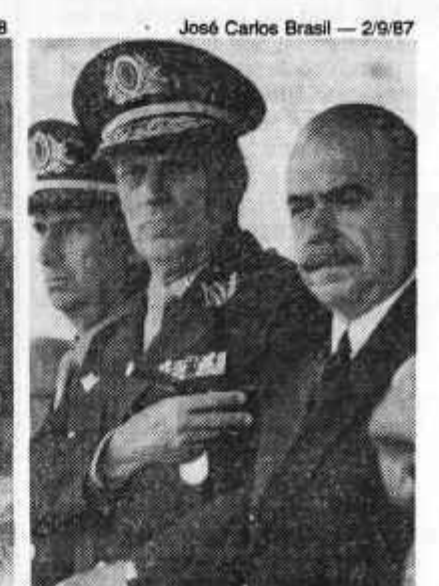
Freire: comunista ajuda banqueiro



Luis A. Ribeiro — 4/9/87



Roberto Cardoso Alves (E): "É dando que se recebe"



Leônidas e Sarney: contra